RECHOREOGRAPHING WORLDS IN VIOLENT TIMES

CIUDAD DE MÉXICO / MEXICO CITY
June 22 - June 25, 2027

dance studies association

Re/Coreografando Mundos em Tempos de Violência

Cidade do México
22 a 25 de junho de 2027

Coorganizadores da Conferência
José Luis Reynoso Bello (University of California Riverside) and María Sicarú Vásquez Orozco (Universidad Iberoamericana Ciudad de México)
Com a colaboração de
Alonso Alarcón Múgica (Coordinación Nacional de Danza, Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura)

Anáhuac ("terra próxima à[s] água[s]") foi o território onde os mexicas (conhecidos colonialmente como astecas) fundaram sua capital, Tenochtitlan. Representava um epicentro multicultural e cosmopolita onde pessoas de toda a Mesoamérica realizavam negócios, diplomacia e intercâmbios culturais. Cinco séculos após o início de sua colonização, em 1521, essa terra, hoje conhecida como Cidade do México, continua sendo um vibrante ponto de encontro e intercâmbio para pessoas de todo o mundo — um centro de comércio transnacional, uma plataforma para a política nacional e internacional, um centro global das artes. Em seu corpo urbano — sua arquitetura histórica e contemporânea —, a cidade cosmopolita mantém vestígios visíveis de suas histórias violentas de colonização e modernização pós-colonial. A complexa história da cidade serve como um microcosmo das formas de violência causadas pelas desigualdades econômicas, pela corrupção endêmica, pelo tráfico de drogas e de pessoas e pelos preconceitos sexuais e de gênero em todo o México.

Em 2027, o que significa para a Cidade do México, com seu histórico de formas coloniais e contemporâneas de violência, sediar uma conferência internacional de dança em um momento histórico marcado por projetos neocolonialistas violentos de conquista em andamento em todo o mundo? Nas Américas, recentes incursões militares e políticas na Venezuela, bem como ameaças semelhantes ao Panamá, Brasil, Colômbia, Cuba, México e Canadá, reavivaram memórias de manifestações anteriores das doutrinas de expansionismo hemisférico do século XIX, que perduram há dois séculos. Esse padrão se estende a países em todo o mundo. Estados-nação com aspirações imperialistas dão continuidade a esforços de longa data — alguns com força renovada — para redesenhar mapas geográficos, remodelar a política regional e demolir instituições democráticas entre e dentro de países da América Latina, África, Ásia, Oriente Médio e Europa. Em diferentes momentos, esses projetos de expansionismo e extrativismo têm levado a níveis crescentes de tolerância a formas individuais, estruturais e sancionadas pelo

Estado de violência, crueldade e necropolítica, manifestadas no tratamento dispensado a grupos étnicos inteiros; a pessoas que passam por deslocamento forçado, imigração e busca de asilo; a mulheres, crianças e idosos que vivem em condições de vulnerabilidade; pessoas de cor, indígenas, negras e queer; pessoas com deficiência e aquelas que vivem na pobreza; os não humanos, o meio ambiente. Quais são alguns dos precedentes para a intensificação cíclica e a normalização de diferentes formas de violência e resistência a elas, entre países, dentro das nações, dentro das comunidades — incluindo as comunidades de dança? Quais são algumas das estruturas e ideologias artísticas, sociais, políticas e econômicas que possibilitam atos de agressão individuais e sistêmicos no cotidiano, desde hierarquias estéticas da dança socialmente estratificadas até histórias de violência de gênero, desde histórias de guerra e deslocamento até genocídios? Quais são as estratégias de resistência e as formas de solidariedade que as pessoas e as pessoas que dançam empregam para sobreviver, prosperar, reimaginar, reestruturar e recoreografar seus mundos?

Nesta conferência, convidamos pesquisadores da dança, bailarinas, intérpretes, coreógrafas, criadores de dança, bem como artistas e pesquisadores de áreas afins ao campo da dança, a compartilhar reflexões críticas e práticas que abordem diversas formas de violência e as respostas a elas (ou seja, violência política, física, emocional, econômica e midiática). As pessoas participantes são incentivadas a refletir sobre como a violência — e os esforços para combatê-la — se manifestam dentro da especificidade de suas áreas de pesquisa em diferentes contextos históricos, culturais, sociais e geopolíticos. Convidamos a investigações sobre como as práticas de dança (por exemplo, folclóricas, contemporâneas, modernas, rituais, sociais, experimentais, clássicas etc.) e a pesquisa, tanto dentro quanto fora das instituições, participam da reprodução e da resistência a diversas formas de violência, ao (re)coreografar mundos dentro e fora dos palcos de dança. Isto é, evocamos a coreografia como um amplo quadro analítico para expor e examinar a lógica, as regras, as escolhas e os esquemas que tentam estruturar, regular, fiscalizar e coreografar quem tem acesso à dança e a outros espaços e recursos sociais; como as pessoas se relacionam entre si, com outras espécies e com o planeta; como as pessoas pensam sobre seu senso de identidade, sua experiência corporal, suas identificações como sujeitos ou indivíduos sociais, políticos e artísticos específicos, como humanos e/ou além do humano; para analisar como algumas dessas categorias (incluindo a coreografia) posicionam certas pessoas para exercer poder sobre outras e fazem com que outras pessoas sejam submetidas a diferentes formas de violência. Nesse sentido, incentivamos intervenções que ilustrem, explorem ou proponham possibilidades sutis ou radicais para reimaginar, reestruturar, refazer e re-coreografar mundos mais igualitários, formas de ser e formas de se relacionar dentro e fora dos espaços de dança.

As propostas podem abordar, sem se limitar a elas, as questões apresentadas acima e abaixo.

- Quais são algumas das respostas às formas de violência que o pessoal da dança — bailarinxs, coreógrafxs e pessoas estudiosas da dança, bem como artistas e quem estuda áreas afins — enfrentam e implementam dentro da especificidade das comunidades e instituições nas quais atuam, desde a violência racial, de gênero e sexual até critérios de promoção e relações de trabalho — no estúdio de dança, na sala de aula, no departamento acadêmico, no centro de pesquisa, na universidade etc.?
- Quais são os marcos teóricos, as abordagens metodológicas e as estratégias coreográficas que bailarinos e pesquisadores da dança têm empregado e continuam empregando em diferentes contextos culturais para estudar e responder a diferentes formas de violência?
- O que os conceitos e categorias predominantes nos estudos e nas práticas da dança possibilitam para aqueles que os criam e os utilizam, e que formas de violência eles representam nos contextos históricos e culturais em que surgiram e são empregados (ou seja, dança, artista, dançarino, coreografia, criação de dança, moderna, pós-moderna, contemporânea, experimental, folclórica, clássica, subjetividade, corpo, carne, corporeidade, sujeito, indivíduo, humano, pós-humano, teoria, práxis, poética, etc.)?
- Como as diferentes perspectivas que pessoas dentro e fora dos EUA têm sobre a "internacionalização" da DSA, uma organização sediada nos EUA, podem revelar sobre as histórias violentas da colonização e da geopolítica, bem como sobre a resistência a elas?
- Como as pessoas que atuam na dança e em outras formas de performance, bem como especialistas na área, abordam as tensões entre a biopolítica do Estado-nação como mecanismo de controle social e a relação do Estado-nação com noções de soberania, anti-imperialismo e anti neo/colonialismo?
- Como as coreografias e as apresentações de dança, bem como suas análises, respondem às formas de violência provocadas por regimes fascistas, movimentos populares extremistas e diversas ideologias políticas?
- Como a dança, a performance e as práticas acadêmicas lidam com as implicações do narcoterrorismo, do feminicídio e do desaparecimento forçado de milhares de pessoas?
- Quais são algumas coreografias e práticas performáticas que afirmam vidas queer e trans, corpos e saberes da diáspora africana e dos povos indígenas, contra-narrativas e modos de resistência, bem como estratégias abolicionistas, descoloniais e anticoloniais?
- Como as práticas de dança e performance se relacionam com a (im)mobilidade, o deslocamento, a construção de lugares e a formação de diásporas por parte de pessoas que migram, buscam asilo e o status de refugiado, apátridas e pessoas em situação de rua?
- Como a IA e outras tecnologias empregadas nas práticas de dança e performance contribuem para seu uso como ferramentas do império, da vigilância, da

desumanização do trabalho e da degradação climática, bem como ferramentas de resistência, autonoia e construção de mundos?
- Como as práticas de dança e performance, bem como bailarinxs e especialistas, reimaginam e criam ecologias de cuidado, cura, ajuda mútua e outras formas de apoio nas relações entre humanos, não humanos, entre espécies, a terra e o meio ambiente?
- Quais são algumas das direções que os estudos da dança, a criação de dança e a prática da dança devem tomar neste momento da história?

As propostas podem ser enviadas em inglês, espanhol e português (por favor, inclua uma tradução para o inglês nas propostas em espanhol e português para facilitar a avaliação). As sessões plenárias serão realizadas no idioma de preferência dos palestrantes e contarão com tradução simultânea. Observe que todas as demais atividades do programa (ou seja, apresentações de trabalhos em painéis, workshops etc.) serão realizadas no idioma de preferência do palestrante entre essas três opções, sem tradução.

As intervenções podem ser propostas nas seguintes formas:

- Trabalhos individuais (indique a que tema o trabalho se refere e forneça de 4 a 5 palavras-chave para facilitar a formação de painéis pela comissão de programação).
- Painéis pré-formados com 3 ou 4 apresentadores (esses são incentivados e têm maior probabilidade de aceitação).
- Inscrições no HUB para participar de conversas de vários dias sobre temas relacionados à conferência.
- Encontros (esse formato substitui as antigas discussões em “mesa redonda” da DSA).
- Atividades práticas, como workshops de movimento, intervenções de dança em locais específicos, apresentações performáticas e danças em tela.
- Apresentações de dança: serão selecionadas 10 obras com diversas abordagens de movimento e coreografia para apresentações de dança, com duração máxima de 10 minutos cada, para serem apresentadas em um espetáculo com produção completa.

A expectativa é que a participação na conferência seja totalmente presencial. No entanto, serão consideradas propostas para um número limitado de trabalhos individuais e painéis pré-formados que incluam um moderador presencial designado, responsável pela conexão virtual. Os organizadores do HUB decidirão se aceitam participantes virtuais e se comprometem a gerenciar a conexão virtual; nesse caso, indicarão esse compromisso no formulário de inscrição.

A conferência será realizada na Universidad Iberoamericana Ciudad de México, e as apresentações de dança no Centro Cultural Del Bosque, com o apoio da Secretaría de

Cultura del Gobierno de México y el Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura a través de la Coordinación Nacional de Danza.

Visite a página da conferência para consultar as Diretrizes de Inscrição para todas as formas de propostas.

O portal de inscrições será aberto de 25 de outubro a 4 de dezembro de 2026
As propostas aceitas serão anunciadas no início de fevereiro de 2027

Para dúvidas relacionadas às inscrições na conferência, envie um e-mail para info@dancestudiesassociation.org